

A Contribuição dos Valores Humanos na Explicação de Sintomas Depressivos na Adolescência

The Contribution of Human Values in Explaining Depressive Symptoms in Adolescence

La Contribución de los Valores Humanos en la Explicación de Síntomas Depresivos en la Adolescencia

Ricardo Neves Couto(1); Laura Nascimento Caetano da Silva(2); Radamés Coelho Nascimento(3); Marianne Cristina Silva Sousa(4); Davi Diego de Souza do Nascimento(5); Paulo Gregório Nascimento da Silva(6); Emerson Diogenes de Medeiros(7)

1 Universidade Federal do Delta da Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: r.nevescouto@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9989-4857>

2 UNIRB Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: lauracaetanopsi@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5698-4796>

3 UNIRB Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: radamesnascimento@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1265-8646>

4 UNIRB Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: marianne_sousa@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9033-0270>

5 UNIRB Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: davidias239@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3845-0184>

6 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB, Brasil.

E-mail: silvapgn@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2878-309X>

7 Universidade Federal do Delta da Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba – PI, Brasil.

E-mail: emersondiogenes@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1407-3433>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 13, n. 1, p. 142-158, janeiro-junho, 2021 - ISSN 2175-5027

[Submetido: março 24, 2020; Revisão1: abril 6, 2020 Revisão2: novembro 3, 2020;

Aceito: dezembro 3, 2020; Publicado: agosto 18, 2021]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.3976>

Endereço correspondente / Correspondence address

Rua Caiapós, número 107, Conjunto Esperança 1,
Bairro Cristo Rei. Parnaíba-Pi, Brasil.
CEP: 64215-470

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*
Editor: Jean Von Hohendorff

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

Objetivou-se de maneira geral verificar o poder preditivo dos valores humanos, controlando o efeito de sexo e categoria da instituição escolar, nos sintomas de depressão dos adolescentes. Especificamente, verificar se há diferenças nos níveis de depressão quanto ao sexo e categoria da escola dos adolescentes. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com 437 adolescentes estudantes do município de Parnaíba-PI, a maior parte foi composta pelo sexo feminino (51,3%) e escola pública (52,3%). Com a idade média de 14,53 anos ($DP = 2,10$, variando entre 12 e 17 anos). Estes participantes responderam o Questionário de Valores Básicos (QVB-18), Inventário de Depressão Infantil (CDI) e dados demográficos. Com o SPSS versão 21 foram realizadas correlações de Pearson, seguidas de regressão múltipla hierárquica identificando que no modelo final, a subfunção que prediz a sintomatologia de depressão é existência, de maneira inversa, sugerindo que quanto mais pontuações nos valores dessa subfunção menos vivência de depressão, sexo também entrou no modelo, indicando que as meninas experienciam mais sintomatologia de depressão, não foram encontradas diferenças quanto ao tipo de escola. Tais resultados são discutidos à luz da literatura, evidenciando a importância dos valores como fator protetivo no contexto escolar.

Palavras Chave: Depressão, Valores Humanos, Adolescentes, Escola

Abstract

The general objective was to verify the predictive power of human values, controlling the effect of gender and category of the school institution, in the symptoms of depression of adolescents. Specifically, to identify if there are differences in the levels of depression regarding gender and school category of adolescents. Therefore, a survey was carried out with 437 adolescent students from the city of Parnaíba-PI, most of whom were female (51.3%) and public school (52.3%). With an average age of 14.53 years ($SD = 2.10$, from 12 to 17 years). These participants answered the Basic Values Questionnaire (BVQ-18), Child Depression Inventory (CDI) and demographic data. Pearson's correlations were performed with SPSS version 21, followed by hierarchical multiplier regression identifying that in the final model, the subfunction that predicts the symptoms of depression is existence, in an inverse way, suggesting that the more scores in the values of this subfunction, the less experience of depression, gender also entered the model, indicating that girls experience more symptoms of depression, no differences were found regarding the type of school. Such results are discussed in the light of the literature, showing the importance of broaching human values as a protective factor in the school context.

Keywords: Depression, Humans values, Adolescents, School

Resumen

El objetivo general fue verificar el poder predictivo de los valores humanos, controlando el efecto del sexo y la categoría de la institución escolar, en los síntomas de depresión de los adolescentes. Específicamente, verificar las diferencias en los niveles de depresión con respecto al sexo y la categoría escolar de los adolescentes. Con este fin, se realizó una búsqueda con 437 estudiantes adolescentes de la ciudad de Parnaíba-PI, la mayoría eran mujeres (51.3%) y escuelas públicas (52.3%). Con una edad promedio de 14.53 años ($DE = 2.10$, entre 12 y 17 años). Estos participantes respondieron el Cuestionario de Valores Básicos (CVB-18), el Inventario de Depresión Infantil (CDI) y los datos demográficos. Las correlaciones de Pearson se realizaron con SPSS versión 21, seguido de una regresión jerárquica múltiple, identificando que en el modelo final, la subfunción que predice los síntomas de depresión es la existencia, de manera inversa, lo que sugiere es que la mayor puntuación en los valores de esta subfunción, menos experiencia de depresión, el sexo también entró en el modelo, lo que indica que las chicas experimentan más síntomas de depresión, no se encontraron diferencias con respecto al tipo de escuela. Estos resultados se discuten a la luz de la literatura, mostrando la importancia de abordar los valores humanos como un factor protector en el contexto escolar.

Palabras clave: depresión, Valores humanos, Adolescentes, Escuela

Introdução

O ciclo da adolescência é de fundamental importância para o desenvolvimento humano. Neste período, é comum a ocorrência de alterações fisiológicas e aquisição de novas habilidades cognitivas, emocionais e sociais (Rosa, Loureiro, & Sequeira, 2019), havendo um estado de estruturação psíquica e mudanças corporais (Frizzo, Martins, Silva, Piccinini, & Diehl, 2019). Estas transformações, aliadas as diferentes mudanças e dificuldades físicas, emocionais e sociais, podem fazer com que o indivíduo desenvolva estados psicológicos, como a depressão, em reação a eventos negativos da vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a exposição à pobreza, abuso ou violência, podem deixar os adolescentes mais vulneráveis aos problemas de saúde mental (OMS, 2019), principalmente no que se refere à sintomatologia depressiva (Silva, Texeira, & Hallberg, 2018).

Em termos conceituais, o Manual Estatístico e de Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), conceitua a depressão como um transtorno de humor que pode ocorrer em todas as idades, sendo uma das principais causas da perda de interesse por atividades cotidianas e/ou importantes. Segundo Miloseva, Vukosavljevic-Gvozden, Richter, Milosev e Niklewski (2017), os quadros depressivos divide-se em dois grupos: clínicos e subclínicos. A diferença entre ambos reside no fato de que na condição subclínica a pessoa apresenta sintomatologia depressiva, mas não atende aos critérios para um transtorno depressivo; caracterizando os adolescentes o grupo mais vulnerável, pois é neste período que ocorrem 50% dos casos iniciais de depressão, representando um fator de risco para a recorrência de quadros depressivos durante a vida (Song, Yoon, & Kim, 2020), sendo uma das principais patologias que ocasionam doenças e incapacidades entre os adolescentes (OMS, 2019).

Referente à temática da depressão, é possível observar uma variação nas funções cognitivas, que em muitas situações sofre uma disfunção temporária, ocasionando prejuízos à vida dos indivíduos (Baptista, Borges, & Serpa, 2017). Em suma, os modelos cognitivos partem da premissa básica de que a depressão resulta da interação de vulnerabilidade cognitiva pessoal (diátese: predisposições do organismo ou tendências hereditárias) e determinadas condições ambientais (estresse), que funcionam como um mecanismo para ativar esta diátese (Abela & Hankin, 2008). Nesse ínterim, tem se evidenciado que mulheres sofrem mais com a depressão, quando comparadas aos homens (Machado et al., 2018), com duas vezes mais chances delas desenvolverem sintomas depressivos por causa de diferentes fatores, tais como: genética, fatores ambientais e mudanças hormonais, sendo esta última é mais estável em homens (Barbosa, Andrade, Texeira, Neto, & Felden, 2016).

Outrossim, características ambientais e demandas sociais vivenciadas na adolescência podem afetar a saúde mental e outros aspectos da vida, por exemplo no

contexto escolar, com a sobrecarga das atividades acadêmicas, exigência da instituição e dos pais, além da competitividade interpessoal, que podem acarretar estresse, e por consequência desencadear ou potencializar a depressão (Marques, Gasparotto, & Coelho, 2015). Nessa linha, reconhece-se que o ambiente escolar apresenta fatores de risco para sintomatologia depressiva, a exemplo da vitimização e rejeição, que emergem frequentemente no meio familiar e são intensificadas no contexto escolar (Azambuja & Zwirtes, 2017). Ainda existem outros fatores de risco que colaboram para o surgimento e agravamento de quadros depressivos, como a ansiedade, uso abusivo de álcool, divórcio ou separação dos pais, dificuldades financeiras na família, doenças crônicas, sexualidade e baixa autoestima em relação à imagem corporal (Magklara et al., 2017; Pedrelli, Shapero, Archibald, & Dale, 2016).

Dessa forma, considerando que fatores sociais podem exercer influência na sintomatologia depressiva, propôs-se verificar como os valores humanos podem estar relacionados à depressão em adolescentes no contexto escolar (Monteiro, Medeiros, Pimentel, Gouveia, & Gouveia, 2020), uma vez que, no âmbito educacional, os valores se apresentam como importantes fenômenos de avaliação e promoção de autoconceito positivo como estudante, horas dedicadas ao estudo, satisfação e otimismo para conclusão de uma graduação, e diminuição do estresse acadêmico (Gouveia et al., 2019).

Apesar de existirem pesquisas relacionadas aos valores; em geral, a maioria tem-se focado na população adulta (Gouveia, 2013), havendo poucas investigações no contexto nacional acerca da infância ou adolescência (Godoy & Monteiro, 2015; Monteiro et al., 2020), etapas que têm significativa contribuição na formação dos indivíduos e construção dos valores (Gouveia, Milfont, Soares, Andrade, & Leite, 2011). Dessa forma, considera-se que estudos como este são importantes, uma vez que contribuem com o campo teórico e prático, gerando reflexões sobre o tema estudado e possibilitando que a gestão escolar tenha conhecimento e desenvolva habilidades para lidar com questões que impactam na saúde psicológica dos jovens.

Na presente pesquisa será considerada a perspectiva psicológica dos valores humanos, tendo como pano de fundo a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH; Gouveia, 2013). Tal teoria define os valores como critérios de orientação (princípios-guias) individuais, pautados nas necessidades humanas, que transcendem situações específicas e assumem magnitudes distintas (Gouveia, 2019). Ligados a experiências de socialização, funcionam como lentes construídas socialmente, dando sentido ao mundo (Gouveia, 2016).

A TFVH apresenta cinco suposições teóricas para os valores, a saber: a) são positivos por natureza; b) são orientações padronizadas que guiam os comportamentos individuais; c) possuem uma base motivacional; d) consideram apenas os valores terminais, para que se obtenha uma definição mais nítida de cada valor específico e; e) apresenta condição perene, a qual compreende que os valores permanecem os mesmos

enquanto as prioridades valorativas podem se modificar no transcurso do tempo (Gouveia, 2019).

Para a TFVH os valores são motivadores da ação, que explicam como as pessoas pensam, agem e sentem (Gouveia, 2016). Esta teoria centra-se nas duas funções principais que são amplamente aceitas: (1) valores como guias das ações humanas, que são manifestados por três distintos tipos de orientação (pessoal, central e social); e (2) valores como expressões de necessidades humanas, que exprime tipos de motivadores: materialistas e humanitários (para mais informações, verificar Gouveia 2016).

Assim, a primeira função supõe que quando o indivíduo é guiado pela função social, seu foco se encontra nas relações interpessoais; por outro lado, quando os comportamentos são guiados pela função pessoal, o indivíduo centrado em si mesmo (foco intrapessoal) (Gouveia, 2013). Já os valores centrais apresentam um critério mais universal, funcionando como espinha dorsal da teoria, que funciona como base estruturante e organizadora das funções sociais e pessoais (Gouveia, 2019).

Referente à segunda função de expressar cognitivamente as necessidades, tem-se em conta que os valores materialistas enfatizam coisas práticas, implicando uma orientação para metas e regras normativas; as pessoas guiadas por tais valores pensam em termos mais biológicos de sobrevivência, importando-se mais com sua própria existência e as condições em que ela possa ser assegurada (Gouveia, 2013). Contudo, os valores idealistas destacam uma orientação mais abstrata e universal, favorecendo um espírito inovador e uma compreensão mais ampla da vida, com menor dependência de bens materiais, na qual as pessoas são consideradas iguais umas às outras, sendo as relações interpessoais apreciadas como uma meta em si (Gouveia, 2016). Em suma, a combinação dessas duas funções produz seis subfunções básicas de valores, que são: experimentação, realização, suprapessoal, existência, interativa e normativa (Gouveia, 2019)

Em síntese Araújo et al. (2020) sintetizam as seis subfunções por tipos orientação: a) *pessoais*, abrangendo os valores de realização, estão relacionados ao desejo de obter de poder, busca por sucesso e níveis elevados de prestígio na sociedade. Os valores de experimentação representam a gana por emoção, expressão da própria sexualidade, visando o prazer; b) *centrais*, representados por valores suprapessoais, que exprimem as necessidades mais básicas (biológicas e psicológicas), abrangendo aspectos mais universais e humanitárias (como o universalismo). Pessoas pautadas por esses valores buscam por maturidade, conhecimento e apreço por beleza, além de se preocuparem com recursos que assegurem sua saúde, sobrevivência e estabilidade; e c) *sociais*, que agrupam os valores interativos, equivalentes à benevolência, expressam a necessidade de conviver em um ambiente social, onde o apoio dos pares é absolutamente desejável, bem como pertencer a grupos específicos e demonstrar afetividade social, devido a necessidade de pertença, amor e afiliação. Por fim, os valores normativos, que manifestam a importância atribuída a manutenção das regras e normas; enfatizando a vida na sociedade, cultivando o respeito (por alguém ou pela cultura) e a obediência.

Ademais, os valores humanos são qualidades apreciadas e atribuídas de maneira preferencial pelos indivíduos de qualquer faixa etária (Pedro, 2014). Sabe-se que na infância e adolescência precisa-se, principalmente, de adultos para transmitir valores, porém, é somente na adolescência que o jovem intensifica a reflexão acerca dos valores que funcionam como princípios-guia das suas vidas (Prestes, Castro, Tudge, & Freitas, 2014).

Nesse concerne, apesar de os valores serem adquiridos na infância e na adolescência, por meio de normas e padrões passados pelos pais e/ou responsáveis, assim como pela escola na qual a pessoa está inserida (Godoy & Monteiro, 2015), estudos voltados para esse grupo específico ainda são escassos. Por exemplo, segundo Gouveia et al. (2011), as pesquisas de Inglehart e Schwartz focavam no público adulto, fornecendo pouca relevância em pesquisas com adolescentes e nenhuma para o público infantil, implicando preocupação com essa situação. Entretanto, especificamente em contexto brasileiro, é possível observar o estudo de Godoy e Monteiro (2015) com 453 estudantes do ensino fundamental e médio da baixada paulista, que apontou uma predominância significativa da subfunção experimentação, principalmente em meninos de escolas privadas.

Ademias, compreende-se, contudo, que tanto os pais quanto as escolas, os grupos políticos, as doutrinas religiosas e os meios virtuais, podem transmitir valores que serão utilizados de forma positiva ou negativa. Tem-se em conta que Gouveia (2019) parte da natureza benevolente do ser humano e conceitua que todos os valores são positivos, mas a forma de utilização e combinação de suas prioridades podem proporcionar consequências negativas. Com clareza, de maneira positiva são utilizados para uma eficaz preparação do indivíduo frente às dificuldades durante a vida (Macedo & Kublikowski, 2009). De maneira negativa, as necessidades não sendo supridas, podem ocasionar vulnerabilidade cognitiva que, por sua vez, é um estado que pode interferir na saúde mental (Almeida & Teodoro, 2017).

A fase de transição da infância para a adolescência pode gerar consequências negativas como a depressão. Diante disto, os valores humanos se apresentam como fator de proteção no combate desta psicopatologia (Monteiro et al., 2020), que atinge milhões de pessoas em todo o mundo, sem distinção de características sociodemográficas. Para os adolescentes, a presença dos pais se faz necessária para encontrar estratégias satisfatórias de lidar com a frustração (Macedo & Sperb, 2013), por exemplo. A atenção dos familiares também é importante na identificação de possíveis sintomatologias depressivas, que podem procurar orientação profissional para que a depressão não seja banalizada ou confundida com peculiaridades da faixa etária (Souza, Silva-Abrão, & Oliveira-Almeida, 2011).

Dado o exposto, levantam-se os seguintes questionamentos: como os valores humanos se relacionam com a sintomatologia de depressão dos adolescentes? Qual a

contribuição na explicação da depressão do sexo e tipo de escola? Assim, o presente estudo tem como objetivo geral verificar o poder preditivo dos valores humanos, controlado por sexo e tipo de escola, na sintomatologia de depressão. Especificamente, visou-se conhecer a relação entre as subfunções valorativas e a depressão em adolescentes. Logo, pensa-se a pesquisa com os caminhos para seus resultados que serão apresentados a seguir.

Método

Participantes

Contou-se com uma amostra de conveniência (não probabilística) composta por 437 adolescentes estudantes do município de Parnaíba-PI, a maior parte foi composta do sexo feminino (51,3%) e escola pública (52,3%). Com a idade média de 14,53 anos ($DP = 2,10$, variando entre 12 e 17 anos).

Instrumentos

Questionário de Valores Básicos - Infantil (QVB-I). Composto por 18 itens (três itens para cada subfunção). Esta medida foi elaborada por Gouveia et al. (2011). Aqui, os alfas variaram de 0,42 (experimentação) até 0,63 (normativa), considerando aquela elaborada para adultos e usadas em diferentes pesquisas (ver Gouveia, 2013). É composta por 18 itens, distribuídos equitativamente entre as seis subfunções valorativas. Assim, a criança respondente, deve indicar a importância que cada valor tem como princípio que norteia as suas vidas, de acordo com escala de cinco pontos, que são representados por *smiles* (rostos) de bonecos e números, que variam de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Máxima importância).

Inventário de Depressão Infantil (IDI; Sá, 2017): Construído e validado inicialmente com 62 itens de rastreio que discrimina sintomas da depressão a partir da literatura especializada. O respondente (aqui os adolescentes nas salas de aula) responde a partir de uma escala tipo Likert com quatro pontos que representam desde a ausência do sintoma (ponto 0) até a forte presença (ponto 4), demonstrando no estudo original precisão excelente, com um alfa de *Cronbach* de 0,93. Para esse estudo, foram selecionados os 21 itens que melhor discriminam o construto, os quais reunidos apresentaram um alfa de *Cronbach* de 0,90.

Questionário sociodemográfico: incluiu perguntas sobre a idade, o sexo e escolaridade.

Procedimentos

Foram respeitadas as normas éticas para pesquisas com seres humanos da Resolução 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Inicialmente, foram garantidas as autorizações com os diretores das escolas participantes, tanto públicas quanto particulares, foram asseguradas. Após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa de uma instituição de ensino superior do Piauí (Nº do parecer: 3397129; CAAE: 13312719000005214), os pais ou responsáveis dos adolescentes receberam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido que devolveram assinado, atestando a participação dos adolescentes. Os quais responderam o Termo de Assentimento Livre Esclarecido, os questionários impressos, de maneira presencial em sala de aula, mas individualmente. Na ocasião, foi explicado o objetivo da pesquisa, sendo ressaltado o anonimato e sigilo das respostas, e que o participante poderia desistir a qualquer momento, sem ônus. Os participantes assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, levando, em média, 15 minutos para responder a pesquisa.

Análise dos Dados

Para tabulação dos dados foi utilizado o programa SPSS, em sua versão 21. Com o qual auxiliou a execução de análises descritivas (medidas de tendência central e dispersão), a fim de caracterizar a amostra; e uma correlação (r de *Pearson*) seguida de regressão múltipla, visando conhecer o poder preditivo das subfunções dos valores humanos, controlado pelo sexo e tipo de escola, na sintomatologia de depressão (Dancey & Reidy, 2019).

Resultados

A fim de conhecer a relação entre as subfunções valorativas e a sintomatologia de depressão dos adolescentes na amostra levantada, foram realizadas correlações r de *Pearson*, considerando o nível de significância $p < 0,05$. Em um primeiro momento, destacam-se as médias e desvios padrões das subfunções valorativas, as quais apontam que a prevalência é a existência ($M = 4,14$; $DP = 0,73$), seguida da interativa ($M = 4,06$; $DP = 0,86$), suprapessoal ($M = 3,73$; $DP = 0,84$), normativa ($M = 3,73$; $DP = 0,88$) experimentação ($M = 3,66$; $DP = 1,06$) e realização ($M = 2,79$; $DP = 1,05$). Todos esses resultados são descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Correlatos entre as subfunções dos valores e depressão

Fatores	M	DP	1	2	3	4	5	6
1. Experimentação	3,65	0,91	--					
2. Realização	2,66	1,05	0,30*	--				
3. Suprapessoal	3,73	0,84	0,43*	0,16*	--			
4. Existência	4,14	0,73	0,46*	0,22*	0,31*	--		
5. Interativa	4,06	0,86	0,52*	0,20*	0,32*	0,56*	--	
6. Normativa	3,73	0,88	0,32*	0,07	0,23*	0,45*	0,51*	--
7. Depressão	9,19	5,43	-0,17*	-0,06	-0,04	-0,28*	-0,23*	-0,20*

Nota: M = média; DP = desvio padrão; * $p < 0,001$.

Na Tabela 1 observa-se relações negativas entre as subfunções valorativas que os adolescentes priorizam e a sintomatologia de depressão, sugerindo que quanto mais os estudantes são guiados por valores da subfunção experimentação ($r = -0,15$; $p < 0,01$), existência ($r = -0,25$; $p < 0,01$), interativa ($r = -0,26$; $p < 0,01$) e normativa ($r = -0,28$; $p < 0,01$), menos sintomatologias de depressão eles apontam. As únicas relações não encontradas foram com as subfunções realização ($r = -0,06$; $p = 0,24$) e ($r = -0,04$; $p = 0,41$).

Na sequência, a fim de complementar a relação e conhecer o poder preditivo dessas subfunções valorativas com correlações significativas, controlando o efeito das variáveis demográficas (sexo e categoria da instituição), foi realizada uma regressão múltipla hierárquica. A seguir, na Tabela 2 são apresentados os resultados.

Tabela 2. Análise de regressão hierárquica dos preditores da depressão dos adolescentes

Variáveis	B	DP	B	Modelo
Passo 1				$F(2;422) = 20,05^{**}$
Sexo ^a	3,15	0,50	0,29**	$R^2 = 0,08$
Categoria da instituição ^b	-0,64	0,50	-0,06	
Passo 2				$F(6;418) = 13,33^{**}$
Sexo ^a	3,09	0,49	0,29**	$R^2 = 0,16$
Categoria da instituição ^b	-0,53	0,49	-0,05	
Experimentação	-0,03	0,32	-0,01	$\Delta R^2 = 0,08$
Existência	-1,21	0,42	-0,17**	
Interativa	-0,53	0,39	-0,09	
Normativa	-0,43	0,34	-0,07	

Nota: * $p < 0,001$; ** $p < 0,05$; DP = desvio padrão; ^aMasculino = 1, Feminino = 2; ^bPública = 1, Privada = 2.

Observa-se, pois, na Tabela 2 que no primeiro passo, as variáveis sexo e categoria da instituição estando no modelo, apresentou um valor de R^2 igual a 0,08. No segundo passo, a introdução das subfunções valorativas incrementou os valores de R^2 em 8%, com essas variáveis colaborando para a explicação de 16% da variância da depressão.

Logo, o modelo final, após a entrada de todas as variáveis na equação, observou-se uma explicação de 16% na variância total da sintomatologia de depressão nos

adolescentes, tendo em conta que o sexo apresentou poder preditivo estatisticamente significativo ($\beta = 0,25$; $p < 0,001$), indicando que as meninas pontuaram mais na escala de depressão. Ademais, a subfunção existência ($\beta = -0,17$; $p < 0,001$), apresentou uma relação inversa, sugerindo que os adolescentes que priorizam seus valores, experienciam menores sintomas de depressão.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo verificar o poder preditivo dos valores humanos, controlado por sexo e tipo de escola, na sintomatologia de depressão. Especificamente, visou-se conhecer a relação entre as subfunções valorativas e a depressão em adolescentes. Assim, acredita-se que os objetivos foram alcançados, demonstrando resultados que reforçam a possibilidade de os valores humanos servirem como fatores de proteção para a depressão.

Assim, foi possível verificar que quatro subfunções valorativas apresentaram relações negativas com a depressão, a saber: experimentação, existência, interativa e normativa. A partir dessas relações, sugere-se que estas subfunções podem minimizar sintomatologias no contexto escolar da depressão. Por exemplo, no caso da subfunção experimentação, visa-se suprir as necessidades de satisfação, um princípio de prazer, sendo comumente endossado por jovens (Godoy & Monteiro, 2015), principalmente os que buscam prazer nas atividades realizadas, em detrimento de experiências negativas (Gouveia et al., 2011).

No tocante a subfunção interativa, as pessoas buscam o estabelecimento e manutenção de vínculos saudáveis, concentrando-se nas necessidades de pertença, amor e afiliação (Gouveia, 2013). Frente a isto, com essa subfunção a pesquisa mostrou correlação negativa; o que se justifica, pois, a depressão na adolescência causa prejuízos nas relações afetivas, principalmente quando se mantem vínculos desagradáveis desde a infância (Biazus & Ramires, 2012). Além disso, relações satisfatórias com amigos e entes queridos pode atenuar quadros depressivos (Lewinsohn et al., 2000) e valores relacionados ao apoio social têm sido fundamentais para a manutenção da saúde mental (Maercker et al., 2015).

Em relação a subfunção normativa, seus valores de cumprimento de deveres, preservação da cultura e das normas convencionais, guiam os indivíduos a manifestarem comportamentos de obediência a autoridades e preservação de normas. Isto faz com que os adolescentes encarem as atividades escolares como necessárias, além de buscarem apoio nos ensinamentos religiosos para superação de adversidades (Gouveia, 2013). No que tange à depressão em adolescentes, estes valores quanto mais elevados, funcionam como mecanismos protetivos, existindo evidências de que sintomas depressivos tendem a surgir, principalmente, quando se dá pouca ou nenhuma importância aos valores sociais (Monteiro et al., 2020).

A subfunção existência, nessa pesquisa, foi a única que apresentou poder preditivo, apresentando-se como um fator de proteção devido sua relação negativa. Evidenciando que, quanto mais os adolescentes forem guiados por valores desta subfunção, menor o risco de desenvolverem sintomatologia de depressão. Segundo Gouveia (2013), as pessoas guiadas por valores dessa subfunção, são mais responsáveis em relação a saúde, buscando situações que garantam a sua estabilidade, focando-se em criar estratégias que garantam a sua própria vida, suprindo os cuidados com a segurança e todo o âmbito biológico e psicológico (Godoy & Monteiro, 2015). Como consequência, isto faz com que os jovens, no decorrer da vida, engajem-se em diferentes situações, apresentando muita dedicação, vigor e absorção diante de atividades, mesmo que estas sejam adversas que por motivos individuais e possam conduzir a sintomas depressivos, o indivíduo vai tentar supera-las (Fonsêca et al., 2016).

No que diz respeito a variável sexo, foi observado uma maior prevalência de a sintomatologia de depressiva entre as meninas. Isto pode ser explicado em função da fase da adolescência, no qual observa-se índices baixos de autoestima no sexo feminino, que é influenciado por características pessoais, por exemplo uma visão distorcida de si, por estarem abaixo ou acima do peso, além de possivelmente, características sociais, pelas crenças criadas a partir de imposições da sociedade, contexto que é representado no ambiente escolar, principal local de socialização e vivências dessas demandas (Rentz-Fernandes, Silveira-Viana, Liz, & Andrade, 2017).

Quanto ao tipo de instituição escolar, não foram encontradas diferenças nos resultados de sintomatologia depressiva, corroborando com uma pesquisa de Jatoba e Bastos (2007) em escolas do Recife, Pernambuco. Isto sugere que o fenômeno não distingue realidades econômicas e contextual, diferentes situações podem ocasionar episódios depressivos ou um transtorno maior. Assim, manifestações como tristeza, timidez, insegurança e condutas antissociais são presentes na adolescência, havendo a necessidade de investigar a natureza dos sintomas de maneira particular (Silva & Batista, 2020). Nesta tarefa, aponta-se a importância de considerar os valores humanos como variável no processo de avaliação, por já ter demonstrado relações importantes no contexto educacional (Gouveia et al., 2019).

Para além disso, tem-se evidenciado a importância do grupo de valores sociais para atenuar sintoma depressivos em escolares que são vítimas de *bullying* (Monteiro et al., 2020). Reconhece-se que o ambiente escolar configura como principal local de vivência e demandas da adolescência (Rentz-Fernandes et al., 2017), figurando juntamente com a família, como um dos principais agentes de socialização. Deste modo, parece relevante incentivar a transmissão desses valores por parte de pais e professores (Soares et al., 2020), além de trazer um melhor entendimento da sintomatologia depressiva e sua relação com os valores dos adolescentes.

Ademais, outra característica que pode explicar o protagonismo da subfunção existência refere-se ao contexto que foi realizada a pesquisa, (interior piauiense). Sabe-se

que em contextos de escassez de recursos, a exemplo do Nordeste brasileiro, as pessoas tendem a enfatizar valores que garantam sua sobrevivência, primando por necessidade mais básicas (Gouveia, 2013). Nesse caso, pesquisas prévias têm apontado que pessoas de diferentes faixas etárias do interior do Nordeste dão ênfase aos valores da subfunção existência, exemplo de crianças e pessoas adultas (Gouveia et al., 2011; Mariano, Medeiros, Gouveia, Sales, & Nascimento, 2018; Silva, Medeiros, Gonçalves & Gouveia, no prelo; Soares et al., 2020), incluindo em contexto piauiense (Monteiro et al., 2020).

Por fim, sabe-se que os aspectos centrais da teoria dos valores humanos usada como âncora nessa pesquisa são as funções atribuídas aos valores (guiar as ações humanas e expressar as necessidades; Gouveia, 2016). A partir do entendimento dos valores, consegue-se identificar o funcionamento do indivíduo, por exemplo: se prioriza ações egocêntricas ou as relações interpessoais, fato que convergente com o entendimento e importância de estudar com a depressão, a qual está relacionada a questões cognitivas, comportamentais e tomadas de decisões (Monteiro & Lage, 2007). Portanto, entender a função e as subfunções dos valores ajudará a entender o funcionamento clínico da depressão, já que Rassial (1997) coloca que o jovem manifesta sintomas depressivos também pela necessidade elaborar mudanças e compreender as suas próprias escolhas.

Considerações finais

A investigação disponibiliza uma importante evidência para psicólogos, professores, pesquisadores e interessados na temática. Contudo, apresenta como limitações o viés amostral, por não ser representativa e o delineamento não experimental da pesquisa, fatos que impedem a generalização dos resultados. Entretanto, tenha-se em conta que este não foi um dos objetivos da pesquisa. Assim, sugere-se que pesquisas futuras invistam esforços em estudos experimentais, com os valores humanos como base para intervenções em trabalhos com a depressão. Além disso, deve-se considerar outras temáticas como fatores de proteção (e.g., personalidade, autoeficácia acadêmica) e de risco (e.g., *bullying*, estresse, procrastinação, cansaço emocional).

De todo modo, ressalta-se a relevância destes achados para o âmbito acadêmico, por avançar em pesquisas com temas pertinentes e atuais. Na dimensão prática, oferece subsídios para intervenção ao nível coletivo no ambiente escolar e clínico. Considerando este último, os valores podem funcionar como mecanismo de promoção, prevenção e reabilitação para a saúde mental, sendo importante focar em planejamentos de estratégias de intervenção, a fim de auxiliar no contexto clínico, visando conduzir os adolescentes a descobrir, experienciar e valorizar atividades prazerosas, mantendo um nível satisfatório de saúde mental.

Logo, sugere-se momentos de discussão coletiva entre a comunidade escolar sobre a depressão na adolescência, atentando-se para a importância de trabalhar valores humanos em nível educacional. Assim, projetos devem ser impulsionados visando melhorias na saúde a partir de uma estrutura interdisciplinar, além da vinculação familiar, pois o apoio de pais e responsáveis, pode promover um ambiente escolar compatível com a realidade dos adolescentes e propício para minimização de psicopatologias, a exemplo da depressão.

Referências

- Abela, J. R. Z., & Hankin, B. L. (2008). *Handbook of child and adolescent depression*. New York: Guilford Press.
- Almeida, V. M., & Teodoro, M. L. M. (2017). Vulnerabilidade cognitiva para depressão em crianças e adolescentes: uma revisão de literatura. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(1), 133-148. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n1/13.pdf>
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Araújo, R. de C. R., Bobowik, M., Vilar, R., Liu, J. H., Gil de Zuñiga, H., Kus, L., ... Gouveia, V. V. (2020). Human values and ideological beliefs as predictors of attitudes towards immigrants across 20 countries: The country-level moderating role of threat. *European Journal of Social Psychology*, 50, 534-546. doi: <https://doi.org/10.1002/ejsp.2635>
- Azambuja, E. B., & Zwirtes, M. (2017). A depressão na adolescência: refletida no ambiente escolar. Retrieved from <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/moeducitec/article/view/8393/7249>
- Baptista, M. N., Borges, L., & Serpa, A. L. O. (2017). Gender and Age-related Differences in Depressive Symptoms among Brazilian Children and Adolescents. *Paidéia*, 27(68), 290-297. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-43272768201706>
- Barbosa, D. G., Andrade, R. D., Teixeira, C. S., Neto, M., G. F., & Felden, É. P. G. (2016). Sintomas depressivos em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Cadernos Saúde Coletiva*, 24(2), 221-227. doi: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201600020195>
- Biazus, C. B., & Ramires, V. R. R. (2012). Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 83-91. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000100010>
- Fonsêca, P. N., Lopes, B. J., Palitol, R. M., Estanislau, A. M., Couto, R. N., & Coelho, G. L. (2016). Engajamento Escolar: explicação a partir dos valores humanos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(3), 611-620. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201502031061>
- Frizzo, G. B., Martins, L. W. F., Silva, E. X. D. L., Piccinini, C. A., & Diehl, A. M. P. (2019). Maternidade Adolescente: A Matriz de Apoio e o Contexto de Depressão Pós-Parto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3533
doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3533>
- Godoy, P. B. G., & Monteiro, N. R. O. (2015). Estudo sobre valores em adolescentes. *Psico*, 46(3), 400-408. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19426>
- Gouveia, V.V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à teoria funcionalista dos valores. Em V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-28). São Paulo, SP: Vetor editora.

- Gouveia, V. V. (2019). *Human Values: Contributions from a Functional Perspective*. In *Psychology in Brazil*, 67–81. doi: https://doi.org/10.1007/978-3-030-11336-0_5
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R. de, & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *Psico*, 42, 1, 106-115. Retrieved from <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/7487>
- Gouveia, V. V., Correia, M. F. B., Nascimento, A. M., Freires, L. A., Soares, A. K. S. Gouveia, R. S. V., & Silva, C. V. (2019). Os valores humanos no contexto da avaliação educacional. *Revista Examen*, 3(3). 38-65. Retrieved from <https://examen.emnuvens.com.br/rev/article/view/95/51>
- Jatoba, J. D. V. N., & Bastos, O. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(3), 171-179. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000300003>
- Miloseva, L., Vukosavljevic-Gvozden, T., Richter, K., Milosev, V. & Niklewski, G. (2017). Perceived social support as a moderator between negative life events and depression in adolescence: implications for prediction and targeted prevention. *EPMA Journal*, 8(3), 237-245. doi: <https://doi.org/10.1007/s13167-017-0095-5>
- Lewinsohn, P. M., Rohde, P., Seeley, J. R., Klein, D. N., & Gotlib, I. H. (2000). Natural course of adolescent major depressive disorder in a community sample: predictors of recurrence in young adults. *American Journal of Psychiatry*, 157(10), 1584-1591. doi: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.157.10.1584>
- Macedo, R., & Kublikowski, I. (2009). Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: perfil de jovens paulistanos. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 689-698. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000400009>
- Macedo, L. S. R. D., & Sperb, T. M. (2013). Regulação de emoções na pré-adolescência e influência da conversação familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 133-140. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200002>
- Machado, I. C., Souza, N. S., Haikal, D. S. A., Silveira, M. F., Alves, M. L. T. S., & Silva, R. R. V. (2018). Prevalência de sintomas depressivos entre adolescentes da rede pública de ensino. *Adolescência e Saúde*, 15(4), 27-35. Retrieved from <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n4a04.pdf>
- Maercker, A., Chi Zhang, X., Gao, Z., Kochetkov, Y., Lu, S., Sang, Z., . . . Margraf, J. (2015). Personal value orientations as mediated predictors of mental health: A three-culture study of Chinese, Russian, and German university students. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 15(1), 8-17. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2014.06.001>
- Magklara, K., Bellos, S., Niakas, D., Stylianidis, S., Kolaitis, G., Mavreas, V., & Skapinakis, P. (2015). Depression in late adolescence: a cross-sectional study in senior high schools in Greece. *BMC psychiatry*, 15, 199. doi: <https://doi.org/10.1186/s12888-015-0584-9>
- Mariano, T. E., Medeiros, E. D., Gouveia, V. V., Sales, H. F. S., Nascimento, A. M. (2018). Perfil valorativo e saúde geral de homens usuários da Atenção Básica. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(1), 108-124. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2593>

- Marques, C. P., Gasparotto, S., & Coelho, R. W. (2015). Fatores relacionados ao nível de estresse em adolescentes estudantes: uma revisão sistemática. *Salusvita*, 34(1), 99-108. Retrieved from https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v34_n1_2015_art_07.pdf
- Monteiro, K. C. C., & Lage, A. M. V. (2007). A depressão na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 257-265. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200006>
- Monteiro, R. P., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Gouveia, R. V., & Gouveia, V. V. (2020). Valores sociais atenuam sintomas depressivos em vítimas de bullying. *Psico*, 51(1), 1-9. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.1.29342>
- Pedrelli, P., Shapero, B., Archibald, A., & Dale, C. (2016). Alcohol use and depression during adolescence and young adulthood: a summary and interpretation of mixed findings. *Current addiction reports*, 3(1), 91-97. doi: <https://doi.org/10.1007/s40429-016-0084-0>
- Pedro, A. P. (2014). Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 55(130), 483-498. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200002>
- Prestes, A. C., de Castro, F. M. P., Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. (2014). Desenvolvimento de valores em crianças e adolescentes. *Leopoldianum*, 40(110-2), 25-36. Retrieved from <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/481>
- Rassial, J. J. (1997). *A Passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofício.
- Rentz-Fernandes, A. R., Silveira-Viana, M. D., Liz, C. M. D., & Andrade, A. (2017). Autoestima, imagem corporal e depressão de adolescentes em diferentes estados nutricionais. *Revista de salud pública*, 19, 66-72. doi: <https://doi.org/10.15446/rsap.v19n1.47697>
- Rosa, A., Loureiro, L., & Sequeira, C. (2019). Literacia em saúde mental sobre depressão: Um estudo com adolescentes portugueses. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (21), 40-46. doi: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0236>
- Sá, L. A. (2017). *Depressão infantil: elaboração de um instrumento para avaliação e tomada de decisão em saúde*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Estatística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Silva, I. P. D., & Batista, C. G. (2020). Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação. *Proposições*, 13. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0184>
- Silva, P. G. N., Medeiros, E. D., Gonçalves, M. P., & Gouveia, V. V. (no prelo). Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação no interior de Pernambuco. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Silva, E. F., Teixeira, R. D. C. P., & Hallberg, S. C. M. (2018). Prevalência de depressão na adolescência: uma consulta a prontuários de uma clínica-escola em Porto Alegre. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 20(3), 17-29. Retrieved from http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=257
- Soares, A. K. S., Cavalcanti, T. M., Freire, S. E. A., Rezende, T.A., Ribeiro, M. G. C., & Gouveia, V. V. (2020). “Faça o que eu digo, não o que eu faço?” Um Estudo sobre a Transmissão

Valorativa entre Pais e Filhos. *Revista Colombiana de Psicología*, 29, 29-44. doi: <https://doi.org/10.15446/rcp.v29n1.72405>

Song, M. K., Yoon, J. Y., & Kim, E. (2020). Trajectories of depressive symptoms among multicultural adolescents in Korea: longitudinal analysis using latent class growth model. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17, 8217. doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph17218217>

Souza, E. M. D., Silva-Abrão, F. P. D., & Oliveira-Almeida, J. (2011). Desigualdade social, delinquência e depressão: um estudo com adolescentes em conflito com a lei. *Revista de Salud Pública*, 13(1), 13-26. Retrieved from <https://www.scielosp.org/article/rsap/2011.v13n1/13-26>

World Health Organization (2019). *Adolescent mental health*. Retrieved from <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>